

## CORTES E EFEITOS

---

- A psicanálise é o efeito de um corte -

Messias Eustáquio Chaves

Psicanalista do CPMG

Num estágio ainda pré-psicanalítico, Freud ouvia suas pacientes histéricas e acreditava que havia algo além da medicina. Os sintomas ou fenômenos somáticos, nomeados como “doenças dos nervos” não melhoravam com a medicação neurológica. A medicação psiquiátrica, também, se revelava ineficaz. Freud escutava suas pacientes de uma maneira diferenciada em relação ao padrão médico da época. De seus estágios na clínica de Charcot em Paris (1885-86), ficou a aprendizagem do método hipnótico como eficaz para fazer as histéricas se recordarem do passado. Um passado que estava recalçado e permanecia vivo no inconsciente. A idéia do inconsciente como uma realidade além do orgânico já estava presente em Charcot, em Breuer, em Freud.

Voltando a Viena, Freud continuou usando o método hipnótico, mas criou alguns outros, como o de colocar a mão na testa da paciente. Todos tinham um mesmo objetivo: ajudar a paciente lembrar-se do seu passado e trazer de volta os conteúdos recalçados. Fazer o inconsciente vir à tona, apresentando-se a uma leitura e a uma interpretação de Freud. Ele queria *saber* muito, queria *saber tudo* e, assim, cutucava, fuçava, escavava, hipnotizava, pesquisava, sugeria, interpretava, explicava, falava. Os relatos da época sugerem que Freud, às vezes, falava muito. Certamente – válido apenas para aquela época –, deveríamos chamar Freud de um médico psicoterapeuta. A psicanálise iria acontecer, mas ela ainda estava em gestação. Certo dia, ela nasceu pelo *efeito de um corte*. Como?

Uma de suas primeiras pacientes histéricas ter-lhe-ia dito durante a consulta: “você não devia ficar me perguntando o tempo todo sobre a origem das coisas que evoco. Você devia me deixar falar sem me interromper”<sup>1</sup>. Nesta época, Freud dizia ter aperfeiçoado o método catártico de Breuer, na medida em que passou a investigar cada sintoma, isoladamente, até chegar a uma conclusão geral do estado da paciente e a um conhecimento do seu quadro neurótico. Freud investigava e escrevia, tentando criar uma “teoria psicológica dos nervos”. Sua paciente Fanny Mozer – assim vamos chamá-la, conforme minhas *notas bibliográficas* –, fez um *corte* na fala de Freud e produziu *efeito*. É neste momento que Freud constrói um saber sobre a “associação livre”,<sup>2</sup> e, no efeito do constante movimento retroativo do “tempo *a posteriori*”,<sup>3</sup> Freud formaliza a “regra fundamental” da psicanálise. Importância decisiva é conferida à fala do paciente e à escuta do analista.<sup>4</sup>

Em outro momento do tratamento, esta mesma paciente corta novamente a fala de Freud. Tal atitude da paciente sugere a inquietude e pertinácia de Freud em investigar os sintomas, pois estava ávido de chegar ao inconsciente dela. Certamente, adotava posições subjetivas que, depois, Lacan chamaria dos *discursos do senhor e da universidade*, girando pra lá e pra cá, mas sem lugar ainda para o discurso analítico propriamente dito. Impossível saber se foi antes ou depois do corte anterior, mas ela corta Freud, mais uma vez, ao lhe dizer: “Não se mexa! Não me toque! Não fale comigo!”<sup>5</sup> Nestas minhas releituras e pesquisas bibliográficas sobre os primórdios dos tratamentos feitos por Freud e suas descobertas, não tenho como evitar o efeito criativo que as resignificações do próprio Freud produzem em mim. Estou convicto de que estes e tantos outros cortes simbólicos feitos pelas primeiras pacientes de Freud – no nível do que se chamaria depois de *discurso da histeria* – foram fundamentais nos caminhos da criação da *psicanálise*.

Freud descobrira rapidamente o funcionamento inconsciente da *censura* e seus desdobramentos nas *resistências* das pacientes durante o tratamento. Mas, ele se perguntava: “o que vem antes, o que move a censura?” Ele descobriu que é o *desejo* da paciente, e, como substrato deste desejo, a *pulsão* e sua energia libidinal. Freud descobre, assim, a importância fundamental da *sexualidade*, tanto quanto de seus efeitos no *inconsciente* e na estruturação de todo o *aparelho psíquico*. A sexualidade – principalmente pela via das *fantasias inconscientes* – move a vida, o amor e a *transferência* ao analista durante o tratamento analítico. Além de tudo, Freud descobre o vínculo da *resistência* (censura) com a *transferência* (amor/ódio) e desta com o seu *desejo* – que Lacan nomearia, mais tarde, de *desejo do analista*. Vejam o que lhe disse Elizabeth Von R. (1892) numa das sessões: “eu podia ter-lhe contado isso logo da primeira vez, mas achei que não era isso o que *o senhor desejava*”.<sup>6</sup>

Jacques Lacan – médico-psiquiatra-psicanalista, homem culto, perspicaz, de inteligência tão aguda quanto a de Freud –, se identificou desde o início de suas atividades analíticas com o campo freudiano e a verdade das descobertas deste campo. Com suas tão ricas leituras e releituras da obra de Freud, produziu dois grandes efeitos, além de tantos outros. Primeiro, sua leitura retroativa no tempo real produziu nele os efeitos de amplitude e clareza da elaboração *a posteriori*, uma vez que podia ter em mãos todos os volumes da obra de Freud e lê-los em alemão, pois que sabia. Segundo, sua releitura recorrente, que se processava no “tempo lógico”<sup>7</sup>, e a prática dos *seminários* deram-lhe a oportunidade de clarear, formalizar e até matematizar os principais fundamentos da psicanálise, fazendo-a caminhar vigorosamente e avançar em sua construção teórico-clínica.

Sob a luz de tantos efeitos *a posteriori*, podemos apreciar hoje a enorme importância das descobertas de Freud, a imensa fecundidade de sua criação e o extraordinário valor epistemológico que Lacan conseguiu imprimir ao corpo teórico da psicanálise, ao campo de Freud, campo freudiano.<sup>8</sup>

Então, em sua releitura dos primórdios da psicanálise, Lacan consegue enxergar, escutar e nos demonstrar que o desejo da histérica é o desejo do Outro<sup>9</sup> e de como ele se manifesta na transferência, e de como ele pode ser matematizado no “discurso da histeria”,<sup>10</sup> e de como se dá a resistência do analisante e, também, a do analista, e de como a “associação livre” foi a descoberta mais importante na criação da psicanálise, pois foi através dela que o “saber não sabido”<sup>11</sup> do inconsciente das histéricas se revelavam a Freud. A base estava na palavra, na materialidade da fala, onde o inconsciente se mostrava na cadeia de significantes e permitia uma leitura – para a vida e para a morte.<sup>12</sup>

Um dos efeitos *a posteriori*, com Lacan, foi aprendermos que o fenômeno da *transferência* na análise é criada pela dinâmica da “associação livre”, endereçada a um “sujeito suposto saber”<sup>13</sup> sobre os desejos inconscientes de histéricas e obsessivos em análise. O analisante elege o analista no lugar do mestre, do senhor, do pai – “discurso do senhor”<sup>14</sup> –, endereçando-lhe a sua fala livremente articulada, uma espécie de “carta de amor”.<sup>15</sup> A *transferência* é uma “carta de amor” *falada-escrita* ao analista, colocado na posição de pai simbólico, um sujeito suposto saber. Este aceita a carta, faz um giro de lugar e escuta-a, *lendo-a* desde a posição de “objeto a”, de onde aufere o seu “mais-de-gozar”<sup>16</sup> do saber em construção e, ao mesmo tempo, causa no analisante o desejo de continuar *falando-escrevendo* sobre o seu desejo e tantas outras coisas mais.

Assim, eu articulo. Freud descobre a “associação livre” pelo efeito de um corte. Portanto, quem lhe ensina os caminhos da psicanálise são suas pacientes. De sua parte, Freud promove um corte em todos os métodos terapêuticos-analíticos que usava anteriormente e funda a “regra fundamental” da psicanálise. Com este método e os efeitos que ele viera a produzir, Freud descobriu e construiu o corpo teórico da psicanálise propriamente dita, registrando com sua própria letra o nome “psicanálise”,<sup>17</sup> pela primeira vez, em 1896. Lacan, pelos efeitos produzidos em sua brilhante leitura e releitura, nos indicou uma riqueza enorme de detalhes preciosos e, verdadeiramente, significantes da teoria construída por Freud, da qual se viu enamorado. Isto, certamente, é verdade, com relação à psicanálise e às especificidades de seu campo. Por outro lado, é certo e notório que Lacan não se enamorou dos psicanalistas da IPA.

Foi dito e escrito que Lacan era um analista-didata da Sociedade da IPA em Paris e, como tal, ministrava o seu ensino. Divergências teóricas<sup>18</sup> foram acontecendo, se avolumando e incomodando tanto ao staff da IPA, que resolveram barrar, cortar Lacan de seu ensino. O pessoal da IPA não conseguia engolir a maneira como Lacan trabalhava o manejo da transferência, da resistência, da interpretação, do tempo, do desejo do analista como função de ato, de ato simbolicamente cortante, cujo objetivo clínico era um só: produzir efeitos de cura. Lacan já tinha um desejo bem formulado, mas o *ato de corte* efetuado pela IPA criou a oportunidade e, ao mesmo tempo, aumentou enormemente o

seu desejo de instituir uma outra lógica de formação dos analistas. O efeito estava produzido e, movido pelo seu *desejo*, Lacan se agigantou em sua produção. Foram quase 50 anos de leituras, releituras, escritos, conferências, seminários e ensinamentos diversificados, que muito acrescentaram ao corpo teórico-clínico da psicanálise construída por Freud.

Lacan foi “cortado” pela IPA, mas, ao invés de se deixar capturar pela censura, pelo recalque – fazendo, por exemplo, o sintoma neurótico da submissão boba –, ele soube se apropriar dos efeitos que o *corte ipiático* produziu nele e asfaltou, magistralmente, a sua estrada no campo da psicanálise, no campo de Freud, ao qual sempre se referiu, promovendo, por sua vez, uma série de “atos de corte” – na coletividade da IPA, nos tradutores da obra de Freud, nos analisantes, nos analistas de sua Escola, no discurso da ciência, na cultura de sua época, e assim por diante. Há um corte de Lacan que considero especial, pois o veio produzido desde o significante paterno, significante do Nome-do-Pai, como um ato de amor ao significante e a seu saber de letra, de *logos-marca-real*. Assim, eu digo, ao longo de todo o seu percurso de transmissão da psicanálise, principalmente nos momentos de crise no seio das Instituições que fundou, dissolveu e refundou, Lacan jamais deixou de *dizer-escrever* as suas eternas “cartas de amor” à psicanálise e a seu pai, Freud.<sup>19</sup>

Acabei de mostrar um fragmento (um recorte) de três dos vários momentos lógicos de *cortes e efeitos* produzidos nos caminhos da construção teórico-clínica da psicanálise. Primeiro, o corte da paciente efetuado na fala de Freud. Segundo, o corte efetuado pela IPA no ensino de Lacan. Terceiro, o corte que, por sua vez, Lacan efetuou em vários momentos do seu percurso de transmissão da psicanálise, especialmente aquele efetuado em sua platéia de discípulos durante o Seminário de Caracas, em 1980. Assim Lacan se dirige a seus ouvintes: “fica a seu critério serem lacanianos, se quiserem. Quanto a mim, eu sou freudiano”.<sup>20</sup> Muitos outros cortes e efeitos importantes aconteceram ao longo da história da psicanálise.

Estou num impasse: como demonstrá-los aqui, neste momento da “Jornada de Trabalhos do CPMG” (2007), se não há espaço, nem tempo disponível para tanto? Contudo, decisão tomada, posso listá-los, escrevê-los, marcá-los, cada um, com um breve comentário. No CD vocês poderão ter o texto completo, inclusive com acréscimos em minhas *notas bibliográficas*.

1. *Corte feito por Fliess, com seu silêncio complacente, no escrever-dizer-falando* de Freud. Freud escrevera-lhe frequentemente e muito, mas Fliess respondia escassamente ou não respondia.<sup>21</sup>
2. *Corte feito por Freud na medicina*. Estudar com Charcot em Paris é um corte? Trabalhar com Breuer, praticando hipnose, sugestão, investigação focada em cada sintoma, também? Fundar a regra fundamental e cunhar o termo “psicanálise”, idem? Instaurar, definitivamente, o lugar do

- “inconsciente” e o lugar da “sexualidade”, idem? Sustentar a descoberta do *inconsciente freudiano* como um corte epistemológico no pensamento da ciência médica, idem?<sup>22</sup>
3. *Corte feito por Freud* com a publicação da *interpretação dos sonhos*. Após construir um saber sobre o sonho, Freud diz aos discípulos que eles devem submeter-se à disciplina da análise pessoal, passar pela experiência. Teria funcionado como um corte no narcisismo deles?<sup>23</sup>
  4. *Corte feito por Freud na solidão do analista* (principalmente dele mesmo), instituindo o lugar da palavra num contexto coletivo. Assim, até 1908, cada um dos presentes era *obrigado a tomar a palavra*”.<sup>24</sup>
  5. *Corte feito por Freud* em sua *Associação Psicanalítica Internacional* (IPA), em 1912, quando lembra que os participantes devem falar sem barreiras, nem pudor, dos temas em estudo. Freud sustenta um laço social que contesta as posições de mestre e de aluno, sobre os quais se baseiam as concepções mais comuns da formação.<sup>25</sup>
  6. *Corte feito por Freud em 1920* na própria construção teórica da psicanálise, registrando a descoberta da “pulsão de morte”.<sup>26</sup>
  7. *Corte feito por Freud em 1926* com seu artigo sobre “a questão da análise leiga”. Mais um corte feito na medicina e no corporativismo médico.<sup>27</sup>
  8. *Corte feito por Freud em 1930* com o “Mal estar na Civilização”. Trata-se de um novo corte na ilusão de felicidade e completude do ser, na religião como substituto da racionalidade e no narcisismo humano exacerbado.<sup>28</sup>
  9. *Corte feito por Freud em 1934-38* com o “Moisés e o Monoteísmo”. Freud marca o lugar do Pai como o agente simbólico (na linguagem – no significante) da construção da ordem simbólica. Trata-se de uma releitura freudiana de “Totem e Tabu” e de “Psicologia de Grupo”.<sup>29</sup>
  10. *Corte feito por Freud em 1937* com a *Análise Terminável e Interminável*. Freud busca estabelecer um tempo para o final de análise.<sup>30</sup>

## Considerações finais

Assim eu penso, a psicanálise é o efeito de um *corte inaugural* e, ao longo do tempo, o efeito de vários cortes recorrentes, produzindo os seus efeitos *a posteriori* e, dialeticamente, impulsionando a sua construção permanente. No aspecto individual, todos parecem concordar, unanimemente, com o princípio de que o verdadeiro *desejo do analista*<sup>31</sup> (como função) só é possível tendo passado pela experiência da análise pessoal. No aspecto coletivo, todos parecem, também, concordar que é preciso a troca entre os analistas num processo permanente de estudos teóricos e clínicos no campo da

psicanálise, tanto em intenção, quanto em extensão. Ao longo da história da psicanálise, muitos autores analistas trouxeram uma contribuição importante, sobre um ou outro ângulo, ao campo da teoria freudiana e da prática clínica. Gostaria de citar Melanie Klein, D. W. Winnicott, Didier Anzieu, e tantos franceses que seria impossível escrevê-los aqui. Dentre todos, porém, ninguém soube ler Freud, captar a sua transmissão e contribuir, decisivamente, para o avanço da psicanálise freudiana – de uma maneira tão rica e tão fiel às especificidades das descobertas de Freud –, quanto Jacques Lacan.

Freud e Lacan tinham ambos uma grande preocupação e uma grande ambição. Desejaram, o tempo todo, dar um cunho científico à psicanálise dentro de um rigor epistemológico a toda prova. Desejaram, também, alcançar o máximo da eficácia terapêutica com o método psicanalítico. Freud se decepcionou ao topar com o *rochedo da castração*. Lacan trabalhou, incansavelmente, para dar à psicanálise a matemática de um “discurso sem palavras”.<sup>32</sup> As diversas construções topológicas desenvolvidas por ele em muito fez avançar o campo da psicanálise e angariar a simpatia de cientistas, de intelectuais e críticos. No entanto, não o satisfaz plenamente, pois topou com seus próprios furos, com o real de suas próprias invenções. Mesmo assim e, na verdade por esse motivo, penso que ambos podem ser considerados, juntos, os dois grandes verdadeiros nomes da psicanálise. Depois deles, nada aconteceu de novo no campo do *inconsciente*.

Como analistas, o que podemos e devemos fazer no contexto da nossa coletividade, para fazer avançar a transmissão da psicanálise e a formação de novos analistas? Que novos cortes estão sendo necessários, para que novos efeitos se produzam no campo da *análise pessoal*, no campo da construção do *saber teórico-clínico* e no campo da *supervisão* ou da elaboração da clínica de cada um? Como reconstruir um saber sobre o RSI de cada um destes três campos? Como elaborar uma compreensão sobre o enlaçamento de *imaginário, simbólico e real* na prática da transmissão e da coletividade dos analistas numa sociedade com objetivos comuns? O que fazer?

Diz Lacan no Seminário 17, p. 49: “Parece que é entre os analistas, entre eles especialmente que é, em nome de certas palavras-tabu com que se lambuzo o seu discurso, jamais se entende o que é a verdade – e, a saber, a impotência. Ali é que se edifica tudo o que concerne à verdade. Que haja amor à fraqueza, está aí sem dúvida a essência do amor. Como já disse, *o amor é dar o que não se tem*, ou seja, aquilo que poderia reparar essa fraqueza original”.<sup>33</sup> Parafraseando o nosso grande poeta, Carlos D. de Andrade, eu pergunto: *e agora, José?*

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Sabia que a história da psicanálise registrava este acontecimento entre Freud e sua paciente, mas não me lembrava onde isto poderia estar. Iniciei, então, uma dura pesquisa bibliográfica, pois queria encontrar este dado de qualquer forma. Comecei com os “Estudos sobre a Histeria” (1893-1895), reli dinamicamente todo o livro e nada encontrei, especificamente falando. Reli a “História do movimento psicanalítico” (1914) e nada encontrei. Quem sabe em “Um estudo autobiográfico” (1924), mas nada encontrei. Então, fui retornando, e reli “As cinco lições de psicanálise” (1910), mas nada encontrei. Começava a ficar intrigado. Reli, dinamicamente, a “Correspondência completa de Freud a Fliess” (1887-1904) de Jeffrey Moussaieff Masson, mas nada encontrei. Pesquisei em Ernest Jones, “Vida e Obra de Sigmund Freud” e, para espanto meu, nada encontrei na forma específica que eu buscava. Então, meio a contra-gosto, fui à “Viver – Mente & Cérebro, revista n.º.1. Coleção memória da psicanálise. Freud e o despertar do inconsciente”. Publicação da Ediouro, segmento Dueto Editorial Ltda (edição especial Freud, 2003), S.Paulo, com conteúdo internacional fornecido pela *Gehirn & Geist – Spektrum der Wissenschaft* – Heidelberg, Alemanha. Para surpresa minha, encontrei a frase específica – dita pela paciente a Freud – à página 38 desta revista. A paciente é descrita da seguinte maneira: “Fanny Mozer, mulher de 40 anos, com paralisia parcial das pernas, consultou Freud aos 23 anos, casara-se com um industrial idoso, pai de vários filhos” (pág. 36, da mesma revista). Seguindo: “certa manhã, ela afirmou bruscamente; esta manhã li uma história horrível no *Frankfurter Zeitung*. Um aprendiz de ofício amarrou um jovem e lhe enfiou um camundongo na boca. O coitado morreu de pavor. Não se mexa! (amarrado), não me toque! (camundongo), não fale comigo! (boca) Herr Doktor... Se um rato aparecesse em minha cama”. (idem, pág. 37) Um dia, Freud lhe perguntou: “Frau Fanny, por que você repete tantas vezes que há uma tempestade em fúria na sua cabeça?” Ela respondeu secamente: “*você não devia ficar me perguntando o tempo todo sobre a origem das coisas que evoco. Você devia me deixar falar sem me interromper*”. (idem, pág. 38) Eis aí a frase histórica, mas afinal quem é Fanny Mozer? Freud, com a sua própria escrita, nunca falou em “Fanny Mozer”!!!... Voltei aos “Estudos sobre a Histeria” e pesquisei mais uma vez. Há indícios de que Fanny Mozer (23 anos, 1882) seja a mesma paciente Frau Emmy Von N. (40 anos, 1889). Os dados clínicos de ambas coincidem, embora a idade delas não bata com as datas. Segundo Ernest Jones, “Vida e Obra de Sigmund Freud”, pág. 252, há indícios de que Fanny Mozer seja Elizabeth Von R (21 anos, 1882), mas os dados clínicos são diferentes. “Freud encontrava-se ainda vinculado ao método de insistir, exigir urgência e interrogar, que lhe parecia árduo, mas necessário. Numa ocasião histórica, no entanto, a paciente – Srta. Elizabeth – censurou-o por interromper o fluxo de seus pensamentos com as suas perguntas. Aproveitou-se da reprimenda e, assim, avançou mais um degrau em direção à associação livre” (Jones, pág. 252). E na nota de rodapé da página 253, Jones comenta: “este é um dos inúmeros exemplos em que o paciente incrementa a ação do médico; a *limpeza da chaminé* (chemney-sweeping) na auto-hipnose (conforme o método catártico de Breuer) foi, na verdade, uma descoberta de Anna O. (Bertha Pappenhaier)”. O próprio Freud, nos “Estudos sobre a Histeria”, diz à página 73 da edição brasileira: “(...) mas no segundo dia tornava-se mal-humorada, voluntariosa e desagradável, o que se acentuava ainda mais no terceiro dia. Quando se portava dessa maneira, nem sempre era fácil fazê-la falar, mesmo em seu estado hipnótico. Ela apropriadamente descrevia esse método, falando seriamente, como uma *talking cure*, enquanto se referia ao mesmo, em tom de brincadeira, como *chemney-sweeping*”. Enfim, parece haver uma confusão de dados nesta pré-história da psicanálise. O que pensar a respeito? O efeito retroativo (*a posteriori*) teria misturado dados escritos por Freud, com conversas (in off) entre Freud e seu grupo de colaboradores (discípulos), ficando a cargo do tempo acomodar os dados desta ou daquela maneira? Difícil responder. Contudo, importa mesmo é que *aquele momento da fala da paciente de Freud* ficou consagrado na história da psicanálise e produz o seu efeito há mais de um século. Por enquanto, fiquemos com isso. (Fontes bibliográficas citadas na descrição acima).
2. “Deparamos agora com o assunto de importância vital – a transição do método catártico para o da *associação livre*, do qual data o surgimento da psicanálise”, (E.Jones, pág. 249) e “Não se pode determinar uma data exata para a descoberta do método da *associação livre*. Tudo o que podemos dizer dele é que evoluiu muito gradualmente de 1892 a 1895, tornando-se refinado e purificado com respeito aos acessórios – hipnose, sugestão, insistências e inquirições – que o acompanhavam desde a sua irrupção inicial”. (E.Jones, *Vida e Obra de Sigmund Freud* (1961), Zahar Editor, RJ: 1975, p. 250)

3. O termo em alemão é *nachträglich*, que foi traduzido para o português de Portugal por *posterioridade*. Em francês é *après-coup*. No Brasil, usamos correntemente a palavra “*a posteriori*”. “Termo freqüentemente usado por Freud em relação a sua concepção da temporalidade e da causalidade psíquicas: há experiências, impressões, traços mnésicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode, então, ser-lhe conferido, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica. Lacan teve o mérito de chamar a atenção para a importância deste termo”. (*Vocabulário da Psicanálise*, Laplanche e Pontalis, Moraes Editores, Lisboa: 1977, p.441-42)
  
4. Regra fundamental da psicanálise: “Deu, portanto, lugar a outro método que era, em certo sentido, seu oposto. Em vez de incitar o paciente a dizer algo sobre algum assunto específico, pedi-lhe então que se entregasse a um processo de *associação livre* – isto é, que dissesse o que lhe viesse à cabeça, enquanto deixasse de dar qualquer orientação consciente a seus pensamentos. Era essencial, contudo, que ele se obrigasse a informar literalmente tudo que ocorresse à sua auto-percepção, e não desse margem a objeções críticas que procurassem colocar certas associações de lado, com base no fundamento de que não eram suficientemente importantes ou que eram irrelevantes ou inteiramente destituídas de sentido. Não houve necessidade de repetir explicitamente a exigência de franqueza por parte do paciente ao relatar seus pensamentos, pois era condição do tratamento analítico inteiro. Poderá parecer surpreendente que esse *método de associação livre*, levado a cabo sob a observação da *regra fundamental da psicanálise*, deva ter alcançado o que dele se esperava, a saber, o levar até à consciência o material recalcado que era retido por resistências. Devemos, contudo, ter em mente que a *associação livre não é realmente livre*. O paciente permanece sob a influência da situação analítica, muito embora não esteja dirigindo suas atividades mentais para um assunto específico”. (S. Freud, *Um estudo autobiográfico* (1924-25), ESB, Volume XX, Imago Editora, RJ: 1976, p.54)  
 “Posto de lado o hipnotismo, eu forçava os doentes a comunicarem o que lhes viesse à mente – pois que *sabiam*, apesar de tudo, aquilo que supunham ter esquecido, e a idéia que lhes brotasse [*freier einfalt*, ‘livre associação’] havia de certamente conter em si o que se procurava –, pude, com efeito, verificar que o primeiro pensamento surgido trazia o elemento desejado e se revelava como a continuação inadvertida da lembrança”. (S. Freud – *Cinco Lições de Psicanálise* (1910), Vol.XI, Imago, Rio de Janeiro: 1970, *Terceira Lição*, p.29)  
 “Ao pedir a alguém dizer-me o que lhe vem à mente em resposta a um determinado elemento do sonho, estou lhe pedindo que se entregue à *associação livre*, enquanto mantém na mente uma idéia como ponto de partida. Isto exige uma atitude especial da atenção, bastante diferente da reflexão, e que exclui esta”. (S. Freud – *Premissas e Técnicas de Interpretação* (Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Conferência VI, 1916-17), Vol. XV, Imago: Rio de Janeiro, 1976, p.132)
  
5. Está na descrição que o próprio Freud faz do caso Frau Emmy Von N., de 40 anos (1889) – “(...) os pais mandaram arrancar-lhe os dentes de uma só vez. Ela acompanhou a história com expressões de horror e ficava repetindo sua fórmula protetora (“Fique quieto! – Não diga nada! – Não me toque!”). Explicou que quando tinha pensamentos assustadores temia ser interrompida em seu curso, porque então tudo ficaria confuso e as coisas tornariam ainda piores”. (S. Freud, *Estudo sobre a Histeria* (1893-95), ESB, Volume II, Imago Editora, RJ: 1974, p.100)
  
6. “O método consistia no seguinte: o paciente, deitado com os olhos fechados, era orientado para que concentrasse sua atenção num sintoma particular e para que recolhesse quaisquer lembranças que pudessem trazer luz à sua origem. Então, talvez aí pela quarta tentativa, o paciente dizia o que lhe ocorrera, mas acrescentado de um comentário: eu podia ter-lhe contado isso logo da primeira vez, mas achei que não era isso o que *o senhor desejava*”. (E.Jones, *Vida e Obra de Sigmund Freud* (1961), Zahar Editor, RJ: 1975, p. 252)
  
7. Ler em J.Lacan, *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*. Um novo sofisma. (1945), Escritos I (1966), Siglo Veintiuno Editores, Espanha: 1971, p.187. Ler, também, em A.Quinet, *Que tempo para a análise?*, in; “As 4 + 1 condições da análise”, Cap. III, Jorge Zahar Editor, RJ: 2000, p.49.

8. “(...) a la constancia de las conclusiones que hemos debido adoptar contra las desviaciones notórias em Inglaterra y América de la práxis que se autoriza en el nombre de psicoanálisis”. (...) la función del sujeto tal como la instaura la experiência freudiana descalifica desde su raíz lo que bajo este título, cualquiera que sea la forma en que se vistan sus premissas, no hace sino perpetuar un cuadro acadêmico”. (J.Lacan, *Subversion del sujeto y dialéctica del deseo em el inconsciente freudiano*, (1960), Escritos II (1966), Siglo Veintiuno Editores, Espanha: 1971, p.774)

“(...) el psicoanálisis que se apoya en su filiación freudiana no podría en ningún caso hacerse pasar por un rito de paso a una experiência arquetípica o de alguna manera inefable”. (idem, p. 776)

“En el campo freudiano, a pesar de las palabras, la consciência es um rasgo tan caduco para fundar el inconsciente sobre su negación (esse inconsciente data de Santo Tomás) como es inadecuado el afecto para desempenar el papel del sujeto protopático, puesto que es un serviço que no tiene allí titular. El inconsciente, a partir de Freud, es una cadena de significantes que en algún sítio (en outro escenario, escribe él) se repite e insiste para interferir en los cortes que lê ofrece el discurso efectivo y la cogitación que él informa”. (idem, pp.778-779)

9. “Pero también añdiendo que el deseo del hombre es el deseo del Otro, donde el “de” da la determinación llamada por los gramáticos subjetiva, a saber que es en cuanto Otro como desea (lo cual da el verdadero alcance de la pasión humana). Por eso la cuestión *de* el Otro que regresa al sujeto desde el lugar de donde espera un oráculo, bajo la etiqueta de un *Che Vuoi? Que me quiere?*” (J.Lacan, *Subversion del sujeto y dialéctica del deseo em el inconsciente freudiano*, (1960), Escritos II (1966), Siglo Veintiuno Editores, Espanha: 1971, p.794)

“El neurótico en efecto, histérico, obsesivo o más radicalmente fóbico, es aquel que identifica la falta del Otro con su demanda,  $\Phi$  com D”. (idem, p.803)

“A propósito destes traços estruturais, devemos mencionar imediatamente o que se poderia chamar a alienação subjetiva do histérico em sua relação com o desejo do Outro. De fato, estamos aí na presença de um dos elementos mas constitutivos do funcionamento da estrutura histérica”. (Joel Dor, *Estruturas e Clínica Psicanalítica*, Taurus Editora, RJ: 1994, p.69)

10. Ver em Jacques Lacan, *Seminário O Avesso da Psicanálise (1969-7)*, livro 17, Jorge Zahar Eitor, RJ: 1992, p;12 e 87.

<u>Significante-mestre</u>	→	<u>saber</u>	/	<u>desejo</u>	→	<u>Outro</u>	\$	→	<u>S<sub>1</sub></u>
Sujeito		gozo	/	verdade		perda	a		S <sub>2</sub>

11. “Assim, uma força psíquica, aversão por parte do ego, originalmente impelira a idéia patogênica para fora de associação e agora se opunha ao seu retorno à memória. O *não saber* do paciente histérico era de fato um *não querer saber* – um não querer que podia, em maior ou menor medida, ser consciente”. (S. Freud, *A psicoterapia da histeria*, Parte IV, Estudos sobre a histeria (1893-95), ESB, Volume II, Imago Editora, RJ: 1974, p.326)

12. “*Tó tókzo ónoma bíos dé tánatos*” = Ao arco é dado o nome de vida e sua obra é a morte (Heráclito, B 48). Com esta citação, Lacan inicia o capítulo XIV – A pulsão parcial e seu circuito – no *Seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Livro 11, Zahar Editores, RJ: 1979, p.165.

“Havíamos chegado ao nosso instinto e ao nosso saber como situados, em suma, naquilo que Bichat definiu como a vida. *A vida*, disse ele – e é a definição mais profunda, de modo algum acadiana se vocês a olham de perto –, *é o conjunto de forças que resiste à morte*. (Jacques Lacan, *Seminário O Avesso da Psicanálise* (1969-7)), livro 17, Jorge Zahar Eitor, RJ: 1992, p;16.)

“A vida representa o sujeito para a morte. E aí o significante cai e se transforma em signo”.(idem, p.172)

13. “A transferência é um fenômeno em que estão incluídos, juntos, o sujeito e o psicanalista. (...) A transferência é um fenômeno essencial, ligado ao desejo como fenômeno nodal do ser humano, que foi descoberto antes de Freud. (...) num texto em que se debate sobre o amor, nominalmente O Banquete de Platão.(...) Desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber – que eu abreviarei hoje no alto do quadro

por S.s.S. – há transferência”. (J.Lacan, Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Livro 11, Zahar Editores, RJ: 1979, p.219-220.

“O que é *imaginizado* na neurose é o pai real, o homem. Aquele que escreve sem jamais produzir a escrita falante, aquele que sabe, mas com um saber que não encontra seus limites e, portanto, nunca se refere à verdade, e por isso mesmo carece de sua própria verdade. É o *sujeito suposto saber* do amor transferencial, separado de sua verdade, de sua parte feminina que está no sintoma. Essa é, pois, a situação da transferência. Para permitir ultrapassar a transferência e possibilitar a sublimação, o analista deve efetuar incessantemente seu próprio trabalho de luto, abrir, por sua interpretação equívoca e enigmática, um espaço para a fala do analisando. Responder às seduções da transferência com uma recusa a se deixar tomar por senhor, e ao ódio, com um amor, *um outro amor* diferente do da neurose. Esse outro amor é de estrutura, mas prolonga o amor neurótico. É ele que faz ato.” (Alain Juranville, *Lacan e a Filosofia*, Jorge Zahar Editor, RJ: 1987, p.286.

14. Ver em Jacques Lacan, Seminário *O Avesso da Psicanálise* (1969-7)), livro 17, Jorge Zahar Editor, RJ: 1992, p;12 e 27.

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

15. Uma carta de amor. A psicanálise se faz falando, associando livremente as idéias que passam pelo pensamento, dizendo de sentimentos, sonhos, desejos, lembranças, ganhos e perdas, prazer e desprazer, amores e ódios. Isto se faz movido(a) pelo desejo, com coragem, sem censuras, sem travamento, porque as “besteiras” (ver Lacan, Seminário 17 *O Avesso da psicanálise*, p.66-67) faladas e entregues ao analista na sua forma pura são um dom de amor. Como demonstrou Lacan, a fala do analisante é a “carta de amor” escrita ao analista. Por isso, ele diz textualmente (ver Lacan, Seminário 20 *Mais, Ainda*, p.77): “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico”. Amar é colocar o outro como Outro, deixar advir nele o significante. É o amor (amor de transferência) que, na situação analítica, torna possível a passagem à sublimação, ao *savoir y faire*, à construção de um saber como lidar com o real e com a dor de existir (ver Lacan, Seminário 17 *O Avesso da psicanálise*, p.19). Este saber se produz em ato pelo desejo do analista de operar o discurso analítico desde o lugar de *causa do desejo* do analisante que, ao falar e *escrever-falando* as suas “besteiras”, faz advir o ato da escrita da “carta de amor”. O não-sabido que sabe do inconsciente é o amor de falar livremente. *In principium erat verbum!*
16. “Estes são os diversos nomes com os quais podemos designar como objeto o que concerne ao *a* – mas o *a*, como tal, é propriamente o que decorre do fato de que o saber, em sua origem, se reduz à articulação significante. *Tal saber é meio de gozo*. E quando ele trabalha, repito, o que produz é entropia. Essa entropia, esse ponto de perda, é o único ponto, o único ponto regular por onde temos acesso ao que está em jogo no gozo. Nisto se traduz, se arremata e se motiva o que pertence à incidência do significante ao destino do ser falante”. (Jacques Lacan, Seminário *O Avesso da Psicanálise* (1969-7)), livro 17, Jorge Zahar Editor, RJ: 1992, p. 48.
17. “No que concerne à segunda classe das neuroses maiores, a histeria e a neurose obsessiva, a solução do problema etiológico é de surpreendente simplicidade e uniformidade. Devo meus resultados a um novo método de *psicanálise*, o procedimento explorado de Josef Breuer, é um pouco intrincado, mas insubstituível, tão fértil se tem mostrado ao lançar luz sobre os obscuros caminhos da ideação inconsciente”. (S. Freud, *Hereditariedade e Etiologia das Neuroses* (1896), ESB, Volume III, Imago Editora, RJ: 1976, p.174.
18. Ver em Annie Tardits, *Sobre as formações do psicanalista* (3 conferências), in: *A Análise é Leiga – Da formação do psicanalista*. Escola Letra Freudiana – Ano XXII – n.º. 32 (2003), p.114.
19. Annie Tardits, *idem*, pp. 114-121.
20. “E quanto a esta tese, porque deve um psicanalista sustentá-la? Porque o real está no cerne do inconsciente, o que decorre da concepção do inconsciente através do significante. Afirmar o real é ir até o fim da

descoberta freudiana. Lacan assim se dirige a seus ouvintes quando de seu último seminário: “fica a seu critério serem lacanianos, se quiserem. Quanto a mim, eu sou freudiano”. (Seminário de Caracas, julho de 1980, publicado em *L’Ane*, n.º. 1, abril-maio de 1961, p.30). In: Alain Juranville, Lacan e a Filosofia, Jorge Zahar Editor, RJ: 1987, p.10.

21. Jeffrey Moussaieff Masson, *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess* (1887-1904), Imago Editora, RJ: 1986, p.450.
22. Ernest, Jones. *Vida e Obra de Sigmund Freud* (1961), Zahar Editor, RJ: 1975, p.235.
23. idem, p. 348.
24. Annie Tardits, *Sobre as formações do psicanalista* (3 conferências), in: A Análise é Leiga – Da formação do psicanalista. Escola Letra Freudiana – Ano XXII – n.º. 32 (2003), p.113.
25. idem, p.113-114.
26. S. Freud, *Um estudo autobiográfico* ((1924), ESB, Volume XX, Imago Editora, RJ: 1976, p.73-77.
27. Annie Tardits, *Sobre as formações do psicanalista* (3 conferências), in: A Análise é Leiga – Da formação do psicanalista. Escola Letra Freudiana – Ano XXII – n.º. 32 (2003), p.115.
28. O sadismo e o masoquismo são exemplos de pulsão sexual e de pulsão de morte enodadas, trabalhando juntas. Mesmo quando emerge sem qualquer objetivo sexual, a satisfação da pulsão através da destruição é acompanhada por um nível extraordinariamente elevado de prazer narcisista. A inclinação para a agressão é uma disposição instintiva original e auto-suficiente. Constitui o maior impedimento à civilização. O superego cultural estabelece seus ideais e suas exigências. Entre estas últimas, as que se referem às relações entre os seres humanos estão compreendidas no âmbito da ética. O problema crucial para a espécie humana parece ser se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá sobrepujar a perturbação da vida comunitária causada pela pulsão humana de agressão e de autodestruição. (Síntese elaborada por mim, a partir do “*Mal-estar na civilização*” (1930), S. Freud, ESB, Volume XXI, Imago Editora, RJ: 1976) Ver também em J.Lacan, *A ética da psicanálise* (1959-6010, Seminário VII, Jorge Zahar Editor, RJ: 1988. “A felicidade, é preciso dizê-lo, ninguém sabe o que é. Se acreditarmos em Saint-Just, que o disse ele próprio, a felicidade se tornou desde essa época – a sua – um fator de política. Tratemos aqui de dar corpo a essa noção mediante um outro enunciado abrupto, que é – tomem nota por favor – central para a teoria freudiana – não há felicidade a não ser do falo. Freud escreveu de todas as formas, e mesmo da maneira ingênua que consiste em dizer que nada pode ser comparado ao gozo mais perfeito, que é o do orgasmo masculino. No entanto, o que a teoria freudiana mais acentua é que só o falo pode ser feliz – não o portador do dito cujo”. (J.Lacan, *O avesso da psicanálise* (1969-70) – Livro 17 – Jorge Zahar Editor, RJ: 1992, p. 69.
29. “Lacan estabelece ou confirma a existência do inconsciente deduzindo-se a partir da linguagem (e do lógico)... Uma ciência da linguagem que se prenda ao dado da linguagem deve excluir qualquer preexistência do significado... Lacan precisa ir adiante, se pretende fundamentar o inconsciente, e determina um plano da linguagem em que não aparece nada além do *significante*. È exatamente o *significante* que se dá em primeiro lugar. O *significante puro*, ou seja, *sem significado*. Lacan introduz a idéia de uma autonomia do *significante*. O significado é produzido pelo *significante*. É preciso que nos atenhamos ao caráter propriamente verbal do “*significante*”. O *significante* é aquilo que significa, tal como o combatente é aquele que combate. O “*significante*” é, pois, o agente”. (J.Lacan, Seminário XI, in: Alain Juranville, *Lacan e a Filosofia*, Jorge Zahar Editor, RJ: 1987, p.45-46.
30. “Freud comenta o grande esforço envolvido na superação das resistências: *ela vale a pena, contudo, pois ocasiona uma alteração vantajosa do ego, a qual será mantida independentemente do resultado da transferência e se manterá firme na vida*. No próprio começo da sua clínica Freud estava preocupado com

quase os mesmos problemas que estes, dos quais se pode dizer que se prolongaram por toda a extensão de seus estudos analíticos. Temos o extrato de uma carta escrita por ele a W. Fliess – Carta 133 – sobre Herr E., que estivera em tratamento desde 1897 (e, provavelmente, desde 1895, com altos e baixos). Disse Freud: *seu enigma está quase completamente solucionado, sua condição é excelente, e todo seu ser está alterado; no momento permanece um resíduo de seus sintomas. Estou começando a entender que a natureza aparentemente interminável do tratamento é algo determinado por lei e depende da transferência. Compete apenas a mim decidir se o tratamento deve ser ainda mais prolongado, mas raiou em mim que tal prolongamento constitui uma conciliação entre estar doente e estar bom que os próprios pacientes desejam, e na qual, por essa razão, o médico não deve consentir*”. (S.Freud, *Análise Terminável e Interminável* (1937), ESB, Volume XXIII, Imago Editora, RJ: 1975. *Comentários do editor*, pp. 245-246.

31. “Freud nos revela que es gracias al Nombre-del-Padre como el hombre no permanece atado al servicio sexual de la madre, que la agresión contra el Padre está en el principio de la ley y que la ley está al servicio del deseo que ella instituye por la prohibición del incesto. Pues el inconsciente muestra que el deseo está aferrado al interdicto, que la crisis del Edipo es determinante para la maduración sexual misma. Es pues más bien el asumir la castración lo que crea la carencia con que se instituye el deseo. El deseo es deseo de deseo, deseo del Otro, hemos dicho, o sea sometido a la Ley.(...) Las pulsiones son nuestros mitos, há dicho Freud. No hay que entenderlo como una remisión a lo irreal. Es lo real lo que mitifican, según lo que es ordinario en los mitos: aquí el que hace el deseo reproduciendo en ello la relación del sujeto con el objeto perdido. (...) El deseo viene del Otro, y el goce está del lado de la Cosa. (...) Las identificaciones se determinan allí por el deseo sin satisfacer la pulsión. Esto por la razón de que la pulsión divide al sujeto y al deseo, deseo que no se sostiene sino por la relación que desconoce de esta división con un objeto que la causa. Tal es la estructura del fantasma. Cual puede ser entonces el deseo del analista? Cual puede ser la cura a la que se consagra? Cual es el fin del análisis más allá de la terapêutica? Pues, lo hemos dicho sin entrar en el resorte de la transferencia, es el deseo del analista el que en último término opera en el psicoanálisis”. (J.Lacan, *Del trieb de Freud y del deseo del psicoanalista* (1964) – Escritos II, 1966 – Siglo Veintiuno Editores, Espanha: 1971, pp. 830-833)
32. “Ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é *um discurso sem palavras*. É que sem palavras, na verdade, ele pode muito bem subsistir. Subsistir em certas relações fundamentais. Estas, literalmente, não poderiam se manter sem a linguagem. Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas”. (J.Lacan, *O avesso da psicanálise* (1969-70) – Livro 17 – Jorge Zahar Editor, RJ: 1992, pp. 10-11)
33. Vejam mais: “O que é o amor à verdade? É uma coisa que zomba da falta a ser da verdade. Essa falta a ser, poderíamos chamá-la de outra maneira – uma falta de esquecimento, que se nos recorda nas formações do inconsciente. Não é nada da ordem do ser, de um ser de algum modo pleno. O que é, esse desejo indestrutível de que fala Freud ao concluir as últimas linhas de sua *Traumdeutung*? O que é esse desejo que nada pode mudar, nem abrandar, quando tudo muda? A falta de esquecimento é a mesma coisa que a falta a ser, pois ser nada mais é do que esquecer. O amor à verdade é o amor a essa fragilidade cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde, e que se chama castração”. (idem, p. 49)

## ADENDO

- **Sigmund Freud** morreu em Londres no dia 23 de setembro de 1939, aos 83 anos de idade.
- **Jacques Lacan** morreu em Paris no dia 09 de setembro de 1981, aos 80 anos de idade.
- Hoje, **dia 06 de outubro de 2007**, em plena **Jornada do CPMG**, estamos completando 68 anos e 13 dias desde a morte de Freud. E, 26 anos e 24 dias desde a morte de Lacan.